

BULLYING E CYBERBULLYING – O QUE FAZEMOS COM O QUE FAZEM CONOSCO?

Maria Tereza Maldonado*

Luciana fica até altas horas em seu computador trocando mensagens com mais de quinhentos amigos de sua rede de relacionamentos e interagindo com centenas de usuários de jogos online. Acha a realidade virtual muito mais interessante do que o chamado "mundo real". No entanto, quando Marcelo a escolhe como alvo e começa a torpedeá-la com mensagens ofensivas pelo celular e pelo computador, Luciana fica transtornada, sem saber como agir com seu inimigo desconhecido.

A situação se agrava na escola quando Leonardo envolve Marcelo na prática do cyberbullying para difamar outro colega. A diretora, preocupada com as condutas violentas entre os alunos, dá início à campanha "Agressão não é diversão", criando ações de colaboração entre a equipe escolar, os alunos e as famílias para incentivar a uso responsável da rede e inibir a ação dos agressores.

Esse é o tema de *A face oculta – uma história de bullying e cyberbullying*, que escrevi para que alunos e professores possam refletir sobre o tema que está presente no cotidiano das escolas. Onde estão as fronteiras entre brincadeira, implicância, agressão e perseguição implacável no comportamento de crianças e adolescentes? Como orientá-los para o uso responsável das redes sociais, em casa e na escola?

Trabalhando como palestrante em todo o Brasil, tenho constatado a enorme preocupação das escolas e das famílias com o uso da internet e das redes sociais. Se, por um lado, há o reconhecimento do enorme valor dessa ferramenta, por outro há riscos de uso excessivo, em detrimento de outras experiências de vida, e de potencializar comportamentos violentos, como acontece no *cyberbullying*. O trabalho conjunto entre famílias e escolas é essencial para criar uma cultura de não tolerância à prática do *bullying* e do *cyberbullying*, desenvolvendo uma rede saudável de relacionamentos em que fique claro para todos que “agressão não é diversão”.

E quais são as expressões mais comuns da agressão? Humilhação, apelidos depreciativos, jogos de poder dos “chefes” e dos “populares” da turma que submetem os colegas, intimidando-os para que obedeçam a seus comandos sob pena de exclusão do grupo, ameaças de agressão física ou constrangimento moral, mensagens difamatórias ou ofensivas. São ataques maciços à autoestima que, em muitos casos, estimulam na vítima sentimentos de rejeição, dificuldades de inserção no grupo, medo de ir à escola, crises de angústia, estados depressivos e, em casos mais graves, tentativas de suicídio.

O bullying se caracteriza por ações repetitivas de agressão física e/ou verbal em uma relação desigual de poder, com a clara intenção de prejudicar uma pessoa ou

um grupo. O cyberbullying é a prática da crueldade online. Com o rápido desenvolvimento da tecnologia, os autores de cyberbullying passaram a criar muitas outras formas de atormentar suas vítimas. É mais terrível do que o bullying, porque a perseguição é implacável, podendo chegar a 24 horas por dia nos sete dias da semana. A pessoa é atacada por mensagens de texto ou de voz no celular, filmada ou fotografada secretamente em situações constrangedoras que podem ser colocadas na rede. O autor pode criar um perfil falso da vítima em sites de relacionamento para difamá-la ou adulterar fotos em que, por exemplo, ela aparece como garota de programa, com seu celular divulgado pelas listas de contato do autor e de seus amigos.

Nos ataques presenciais do bullying, a repetição é marcante, e é um dos elementos que diferenciam o bullying de algumas brincadeiras de mau gosto. No cyberbullying, ataques poderosos e destrutivos podem ser feitos sem a característica da repetição, porque entra aí outro elemento que produz efeitos devastadores: a rapidez da propagação da mensagem que, em poucos minutos, atinge uma plateia de proporções incomensuráveis. Isso potencializa dramaticamente a vergonha, o pavor e a humilhação, o que faz com que algumas pessoas se sintam sem saída, a ponto de, desesperadas, tentarem o suicídio.

Outra diferença importante é que, no ataque presencial, o autor é conhecido. No cyberbullying, o autor

pode ser um colega de turma ou um ex-namorado que é identificado desde o início. Em outras circunstâncias, o ataque pode acontecer sem que o agressor sequer esteja no mesmo espaço físico e permaneça anônimo por muito tempo, atacando em momentos inesperados, por vezes de madrugada, sobressaltando a pessoa que está dormindo. A própria casa deixa de ser um lugar seguro. A impressão é a de um atentado terrorista: a face do inimigo está oculta, não se sabe quem é, e nem quando ou de onde partirá o ataque seguinte.

A relação desigual de poder que caracteriza o bullying nem sempre existe no cyberbullying. Crianças e adolescentes podem atacar professores; o menino franzino e tímido que apanha dos valentões pode “crescer” mais do que eles no espaço cibernético e fazer um grande estrago!

O perfil mais comum de quem sofre ataques: crianças e adolescentes inseguras, tímidas, com dificuldades de comunicação; os que se destacam como ótimos alunos, estimulando os ataques por inveja. O perfil mais comum dos autores: pessoas inseguras, que já sofreram ataques e apresentam dificuldades de relacionamento, com pouca empatia; as que desenvolvem capacidade de liderança, utilizada de modo negativo; as sociopatas, manipuladoras, que se divertem causando sofrimento. Em especial no cyberbullying, a possibilidade de se esconder no anonimato da rede, imaginando que não haverá consequências para seus atos aumenta a incidência e a crueldade dos ataques.

Muitas pessoas sofrem em silêncio, por medo ou por vergonha de revelar que estão sendo atacadas, o que aumenta o poder do agressor. É importante também o papel dos que presenciam os ataques (a plateia): muitos se calam por medo de serem as próximas vítimas (a plateia omissa). Outros encorajam as ações do autor de bullying ou repassam as mensagens ofensivas e difamatórias do cyberbullying (plateia co-autora). Por outro lado, a plateia sensibilizada para o problema exerce um papel fundamental para inibir a ação dos autores (plateia protetora).

O cotidiano da escola oferece inúmeras oportunidades de trabalhar os valores fundamentais do convívio: respeito, solidariedade, colaboração, gentileza. Os autores do bullying agem nas salas de aula, nos corredores, nos banheiros, no pátio, no ônibus escolar. Pensar que isso é “brincadeira de crianças” e achar que as pessoas atacadas “não sabem brincar” é negar o problema, até por não saber como lidar com ele. É semelhante ao que tradicionalmente acontecia na educação dos filhos: os pais se achavam no direito de xingar, espancar e cometer outras formas de violência para “endireitar” as crianças rebeldes. Atualmente, esses casos vão parar nos Conselhos Tutelares como ações de violência intrafamiliar que precisam ser tratadas para que os pais se conscientizem do direito das crianças de serem educadas sem violência. Com o bullying está começando a acontecer algo idêntico: é preciso trabalhar o conceito de que “agressão não é diversão”.

Condutas de intimidação sistemática, perseguição implacável, mensagens difamadoras e depreciativas, agressões físicas ou verbais não são aceitáveis nas redes de relacionamentos presenciais e virtuais.

As escolas que fizeram campanhas de prevenção ao bullying/cyberbullying bem sucedidas trabalharam com os alunos e com toda a equipe escolar, buscando a parceria das famílias no sentido de criar uma cultura de não tolerar as ações do bullying e do cyberbullying, colocando os limites devidos e as consequências cabíveis às condutas de agressão, estimulando a expansão dos recursos para fortalecer as vítimas, propiciando aos autores o bom uso de suas capacidades de liderança e o aumento da empatia, estimulando a função protetora da plateia. O resultado é a melhoria da qualidade dos relacionamentos e o uso responsável das redes sociais.

O primeiro passo é a conscientização do problema: ações de bullying acontecem em todas as escolas, públicas e particulares, com maior ou menor frequência. Quando a escola adota uma postura clara de não tolerância ao bullying, pode elaborar um “contrato de convivência”, a ser apresentado à família no ato da matrícula e a ser trabalhado com todos os alunos e a equipe no cotidiano da escola. O contrato de convivência coloca regras claras, evita muitos episódios de agressão, mas mesmo assim há os transgressores que gostam de testar os limites para ver

se as consequências combinadas realmente acontecerão ou se tudo “acabará em pizza”...

Portanto, episódios de bullying acontecerão e precisarão ser abordados. Os acordos de bom convívio podem ser feitos também com crianças pequenas que, com a orientação dos professores, elaboram as “leis da turma” e as consequências cabíveis quando não são cumpridas. Uma experiência interessante é a das escolas associadas ao Programa de Cultura da Paz da UNESCO (a rede PEA) que utiliza muitos recursos para estimular nas crianças desde a Educação Infantil a resolver conflitos de modo não-violento e a canalizar a agressividade para fins construtivos.

Dependendo da gravidade do caso, os pais deverão ser chamados. Porém, em muitas circunstâncias, abordar a questão com a turma ou em conversas com os que fazem e os que sofrem os ataques será suficiente. É importante que o autor assuma a responsabilidade por seus atos: o mais comum é negar ou colocar a culpa em outros, até mesmo na pessoa atacada, acusando-a de tê-lo provocado. Abordar o tema com a turma é importante, especialmente nos casos de apelidos depreciativos e de exclusão, que ocorrem com frequência. São oportunidades de estimular a reflexão: “E se fosse com você”? A conversa em grupo também é útil para estimular a criação de recursos para lidar com os episódios de bullying/cyberbullying, desestimulando o autor a prosseguir com os ataques.

É fundamental trabalhar com a rede de relacionamentos, entendendo seu dinamismo. Há pessoas que sofreram ataques e passam a ser autores, há os que estão como “plateia” e, pouco depois, sofrem ou fazem ataques. Por isso, a visão sistêmica é tão necessária.

Em síntese, é essencial a parceria eficaz entre família, escola, organizações governamentais (como o Ministério Público) e entidades da sociedade civil para reduzir a incidência do bullying e do cyberbullying. Esses ataques são comumente feitos no computador da casa ou das lan houses, mas afetam as redes de relacionamentos dentro da escola. Educadores e pais precisam se unir para transmitir a crianças e adolescentes os fundamentos do uso saudável e responsável dos crescentes recursos da tecnologia, bem como alertá-los claramente sobre os perigos que rondam as redes sociais e os jogos interativos. Com isso, poderão usufruir dos enormes benefícios dessas ferramentas e desenvolver percepção de risco e autoproteção.

*Psicóloga escritora. Site: www.mtmaldonado.com.br